

## ■ Manifesto Político Cosmopolita Antropofágico

.....Carlos Enrique Ruiz Ferreira

- 1) Cosmogonia: o outro sou eu-mesmo; eu-mesmo é o outro. Cosmogonia aplicada à política: fim do cidadão-nacional; fim do estrangeiro. Humanidade!
- 2) A forma das cidades é um eterno construir muralhas (físicas e simbólicas, no final das contas... são todas iguais) e, assim, criar os *intramurani*. Mas a forma da história-dialética é um eterno derrubar muralhas. Para depois...
- 3) A soberania é um *tipo* de, e tão só, muralha.
- 4) O cosmopolitismo subversivo propõe a destruição das muralhas; situa-se no âmbito político transnacional da antropofagia oswaldiana. Soma-se à essa grande metáfora-prática outros alimentos do espírito: os estóicos antigos (especialmente Diógenes, o Cão), o canibalismo ameríndio *y otras cosas más...*
- 5) Oswald propõe o canibalismo como *ato dinâmico* sócio-político-antropológico. Ato continuamente transformador. Um “superador” de identidades epistemológicas da antropologia *em-muralhada*.  
Podemos derivar duas possibilidades decorrentes de seu empreendimento:
  - a) A ontologia do devir em relação ao ser é a Humanidade, sem diferenciações, sem comunidades-muralhas do ser.
  - b) A ontologia não existe; buscá-la é perda de tempo. A atitude frente a ela deve ser agnóstica. Ou seja, devemos partir de uma perspectiva do fenômeno, no qual o importante é o constante movimento.
- 6) Essa ideia é parente de outra... De uma ideia bíblica antiga: *pulvis es et pulverem reverterem*.
- 7) Somos pó? Ou o que “É” é o processo?
- 8) Henrique VIII, Cardeal Richelieu, Hitler, a Paz de Westphália e as leis de Nuremberg... são os grandes personagens e marcos da nossa soberania emuralhada, nacional e de direito positivo.
- 9) Diógenes, Kant, Marx e Oswald de Andrade são os grandes nomes, cada qual a seu modo – uns mais tímidos, outros menos; uns mais ilustrados, outros menos; uns mais revolucionários, outros menos –, da proposta

universal-cosmopolita antropofágica. Eles pregaram pelo fim das fronteiras.

- 10) Os cosmopolitas antropofágicos são amigos dos imigrantes e inimigos da polícia migratória (do asco paranóico-biopolítico). Inimigos do pasaporte.
- 11) FOGO aos passaportes!
- 12) Os imigrantes, dentro de si, ainda que muitas vezes sem consciência plena, são os *cosmopolitas usurpadores da moral positiva*. Eles gargalham do direito positivo e da soberania obsessiva, essa velha gorda que se apeçou tanto à sua vida medíocre e enjaulada.
- 13) “O primeiro que, cercando um terreno, se lembrou de dizer: *Isto me pertence*, e encontrou criaturas suficientemente simples para o acreditar, foi o verdadeiro fundador da sociedade civil” (Rousseau, Discurso sobre a Desigualdade, 1775).
- 14) O Brasil é um país cosmopolita (um não-país). Oswald de Andrade, Darcy Ribeiro e Glauber Rocha o perceberam... e o expressaram, cada um a seu modo.  
(Mas Glauber devia saber... os cosmopolitas antropofágicos são revolucionários da revolução, são o mais puro abraço, a mais pura entrega. De tal forma que *Idade da Terra* não poderia – não pode? – ser compreendido...).
- 15) Profecia: todos os países-emuralhados estão condenados a apodrecer. Todos os países-abraço sobreviverão e um dia se tornaram parte de *Um múltiplo mesmo*.
- 16) Antes que esqueça, é preciso dizer com letras maiúsculas: o liberalismo político (e também o seu filho com a cristandade, os direitos humanos), o socialismo, o comunismo e o anarquismo... chegaram muito perto do ideal universal-cosmopolita-canibal... mas cometeram o “pecado” de acreditarem demais na Razão e de se fundamentarem tanto na mesma.
- 17) O cosmopolitismo antropofágico opera por uma maneira sutil e gostosa: o sexo. Ou melhor, o AMOR.
- 18) Seres humanos de todo mundo, agi naturalmente: comei-vos!
- 19) As aves, os peixes, as árvores e o tigre, todos exemplos *in natura* do cosmopolitismo.
- 20) O cosmopolitismo antropofágico se realiza de modo eterno enquanto sonhos, enquanto mito e enquanto cotidiano. Cosmovisão integradora...

Basta tomar um pouco de ayahuasca *en la alta amazonía peruana* para notá-lo.

Ah! Antes tarde do que nunca: basta de antropólogos para continuar e continuar espezinhandando e sustentando que o *mito* tem *razão*.<sup>17</sup> Que discussão mais infrutífera! Eles têm medo do mito porque mito é mito... é arrancar as regras de separação – as muralhas francesas – do sujeito e objeto. Zen-beatnik-shamânico!

Ao fim e ao cabo... são todos uns grandes medrosos de enfrentarem o grande mito cosmopolita: a Morte!, essa sacerdotiza da intro-extro-pecção mais infinita dos homens sem-fronteiras, dos homens sem-muralhas.

- 21) Pelo fim das portas e das propriedades. Pelo fim dos limites. Pelo fim do Estado soberano, *del nomos de la tierra*, essa forma degenerada dos apegados.
- 22) “A Lua de lá é a mesma Lua daqui” dizia Gil. Então: *lá e aqui é tudo Um-mesmo. Um-múltiplo... Mas mesmo.*

■.....Carlos Enrique Ruiz Ferreira é Bolsista PRODOC/CAPES. Professor Dr. do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail [cruiz@usp.br](mailto:cruiz@usp.br)

---

17 Por mais que isso, num determinado período histórico, fosse revolucionário e anti-conservador... agora já não é.